

## EFEITOS DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS NA DINÂMICA DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA ECONOMIA BAIANA

*Eixo Temático: GT 2 – Economia Internacional, Economia Brasileira, regional e baiana*

Gesner Brehmer de Araújo Silva<sup>1</sup>;

### Resumo

Com o surgimento dos processos de globalização no final do século XX, as relações comerciais internacionais vêm gradualmente, ganhando cada vez mais intensidade e velocidade, tendo como resultado tanto o aumento da produção mundial, quanto o surgimento de acordos comerciais e blocos econômicos que possibilitam aos países inserir-se nesses mercados externos. No entanto, o ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo coronavírus, que afetou de maneira direta e indireta, todo o fluxo de comércio internacional. Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar os efeitos da pandemia do novo coronavírus na dinâmica das importações e exportações da economia baiana. Para o cumprimento desse objetivo, além de uma análise teórica da economia internacional e uma análise da evolução econômica da Bahia foram utilizadas as bases de dados de exportações e importações de órgãos como a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) de modo a compreender tanto a pauta de exportações e importações da economia baiana quanto em quais setores externos a economia baiana foi mais afetada. Os resultados obtidos revelam que a Bahia tem em suas principais conexões globais com as *commodities* agrícolas e de produtos derivados da indústria química e petroquímica que tem como principal destino a China, União Europeia e Estados Unidos, além de apresentar significativas quedas em suas relações com a América do Sul.

**Palavras-chave:** Comércio Internacional. Economia Baiana. Economia Internacional

### 1. Introdução

O debate sobre a importância do comércio internacional como fator importante para o desenvolvimento da economia de um país não é novo. Porto *et al*(2017) destacam que, desde o conceito de vantagem competitiva de Ricardo, passando pelo modelo 2x2 fatores de Heckser-Olin e por fim, pelo modelo de economias iguais de Krugman, os economistas se debruçam para descobrir em que medida o comércio entre países pode contribuir para o

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS). Mestre em Planejamento Territorial e Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS). Professor da Faculdade Santíssimo Sacramento e da Faculdade Estácio. E-mail: gesnerbrehmer@hotmail.com

crescimento econômico dos mesmos, através do aumento da concorrência, do emprego e renda.

De fato, o comércio internacional tem sido o principal motor do crescimento global, de convergência de renda e de redução da pobreza. Países em desenvolvimento e emergentes têm se beneficiado de oportunidades de transferência de tecnologia e de se submeter a transformações estruturais de suas economias através da integração pelo comércio internacional nas últimas décadas (CANUTO, 2016).

Lima (2006, p.13) destaca que:

A economia global vem passando por um processo de intensificação dos fluxos comerciais que supera a dinâmica da própria produção mundial. [...] a proliferação de acordos comerciais (entre nações, entre estas e os blocos econômicos e estes entre si) e os tratam como decisões estratégicas que melhoram as condições necessárias para que um país seja projetado a uma posição de liderança no movimento da globalização.

Em contrapartida, o Brasil aparenta não apresentar um papel de destaque em relação a sua posição no comércio mundial. Canuto e Fleischhaker (2015) e Oliveira (2014) apontam que, desde meados da década de 1980, portanto antes do período da globalização, o país vem apresentando significativas perdas relacionadas a participação da indústria de transformação na economia diante de um baixo nível de renda *per capita*, o que a literatura convencionou chamar de desindustrialização<sup>2</sup>, o que expõe os problemas estruturais pelos quais passam a economia brasileira. Nesse sentido, Lohbauer (2014) indica que se analisarmos a relação volume de comércio como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), identifica a economia brasileira como uma das mais fechadas do mundo.

A combinação destes problemas (indústria em queda e baixo volume de comércio internacional) foi potencializada pós-crise de 2009, trazendo na esteira a redução do desenvolvimento econômico, o crescimento do setor de serviços (que passa a absorver boa parte da mão-de-obra da indústria) e impactam diretamente as exportações brasileiras, uma vez que, com a perda de força da indústria, passa a se “especializar” na produção e exportações de produtos primários.

Cervo e Lessa (2014) analisam que, no período 2011-2014, o Brasil perde inúmeras oportunidades de combater a crise iniciada em 2008 e de penetrar de maneira mais profunda a economia internacional, devido à entre outros fatores, pela escolha de uma estratégia não

---

<sup>2</sup>Ver Rowthron e Ramaswany(1999); Oreiro e Feijó (2010)

adequada de inserção em um novo modelo de desenvolvimento externo, preferindo voltar-se ao comércio interno. Como destacam Cervo e Lessa (2014, p.145):

Ora, como a economia nacional alcançara o maior índice de industrialização da América Latina, o dinamismo do comércio exterior brasileiro estava ligado ao dinamismo das exportações de manufaturados. Urgia proceder a uma reestruturação produtiva nesse sentido, para repor a pauta industrial do comércio exterior. Como não ocorreu, as estatísticas indicam consequências negativas e múltiplas.

Lacerda e Ramos (2020) e Pessoti (2020) ponderam que, os efeitos da crise econômica iniciada em 2008 provocam um acentuado processo de estagnação da economia. Os autores destacam que o Produto Interno Bruto *per capita* (PIB) do Brasil, ou seja, a renda média do país obtida dividindo o PIB total pelo número de habitantes, não cresceu mais do que 0,3% ao ano e que, ao analisar o comportamento da mesma variável no período 2015-2016, a queda é de 6%, o que configura um processo de crise econômica no Brasil, que gera não só redução da renda dos trabalhadores, mas também desemprego através dos fechamentos de postos de trabalho.

Nessa esteira de estagnação econômica, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus que acentua ainda mais o processo de crise da economia brasileira, visto os impactos do vírus através do isolamento social e do fechamento de atividades intensivas de contato (setor de serviços), no qual Blanchard (2020) destaca, serem os maiores geradores de riqueza da maioria dos países.

Em face do exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar os efeitos da pandemia do novo coronavírus na dinâmica das importações e exportações da economia baiana, uma vez que a mesma faz parte da economia nacional, enfrentando problemas similares do ponto de vista da inserção no comércio internacional e dos efeitos pandêmicos. Para o cumprimento deste objetivo, este artigo utilizou as bases de dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) para detectar as relações internacionais em termos de exportação e importação dessas economias.

O artigo conta com três seções além desta introdução e das considerações finais, uma de breve revisão teórica sobre as principais teorias de comércio internacional, outra de análise da evolução econômica da Bahia e a última com a análise dos dados disponíveis na SEI e no MDIC de modo a compreender o comportamento das exportações e das importações baianas nos referidos anos.

## 2. A relevância do estudo da economia internacional

Estudar as relações de comércio internacional é compreender de que modo os diversos países do mundo cooperam entre si dentro de um sistema de interdependência entre eles. Dentro deste sistema, não apenas as relações comerciais ganham importância, mas também as relações (e instrumentos) políticos, culturais, sociais e governamentais são ponderados ao analisar qualquer relação de comércio externo atual.

Lima (2006) destaca que o estudo da economia internacional começa de fato em 1758 com o ensaio *Balance of Negotiations*<sup>3</sup> de David Hume, que debatia os efeitos da política mercantil britânica na economia nacional e na europeia.

Vinte anos depois, outro britânico, Adam Smith publica sua obra celebre intitulada de *The Wealth of Nations*<sup>4</sup>, no qual instaura de vez o debate sobre o intervencionismo na economia e sobre os mecanismos da “mão invisível”, que acabaria dentre outras coisas, a levar os preços mundiais de bens comerciáveis a um ponto de equilíbrio determinado por duas grandes forças: a oferta e a demanda mundial.

A partir dos estudos de Hume e Smith, outros autores passaram a se debruçar mais a fundo sobre as relações comerciais internacionais. Dentre estas teorias, algumas ganharam destaque como a teoria das vantagens comparativas de Ricardo, a teoria 2x2 fatores de Heckser-Olin e pelo modelo de economias iguais de Krugman.

Em relação as vantagens comparativas de Ricardo, seriam resultantes do aproveitamento das diferenças nas dotações do fator de produção trabalho. A capacidade de um país produzir um bem melhor que em outro seria explicada pela produtividade do trabalho nas indústrias do país (LIMA,2006).

Inspirados pelos escritos ricardianos, a teoria de Heckser-Olin acrescentou novos elementos ao debate. Segundo esse modelo, o determinante das vantagens comparativas não mais pode ser entendido como as dotações do fator trabalho, mas sim da abundância proporcional de outros fatores de produção como o capital. Para que um país tenha vantagem

---

<sup>3</sup>Do equilíbrio das negociações (Tradução Nossa)

<sup>4</sup> A riqueza das nações( Tradução Nossa)

comparativa em relação ao outro, duas condições precisam ser atendidas: i) utilizar de forma correta das diferenças das dotações dos fatores e ii) se o comércio exterior conduzir a uma equalização entre os preços dos fatores de produção entre os países.

Já o modelo de Krugman foi baseado em um modelo de comércio internacional baseado nas diferenças nas técnicas de produção e nos produtos feitos de acordo com o nível tecnológico utilizado para a produção desses produtos. Krugman e Obstfeld (2001, p.22), pontuam que:

[...] a organização da produção, as economias de escala, a concorrência imperfeita e a acumulação de capital e tecnológica (aprendizagem) conduzem a um patamar de produtividade ou de economias de escala dinâmicas que implicam o aumento do comércio internacional.

Estes modelos em diferentes períodos da história contribuíram para tornar o campo da economia internacional um ramo importante de análise pautada nos efeitos do comércio internacional na economia real. A economia internacional ganha ainda mais importância com o processo de globalização iniciado nos anos 1990 e que perdura neste século XXI. Com o crescimento das redes de comunicações, as reduções de distâncias, as formações dos blocos econômicos, os acordos comerciais e as novas formas de produção, as nações mundiais nunca estiveram tão próximas em toda a história seja comercializando produtos e serviços, seja com os investimentos estrangeiros diretos que movimentam vultosos fluxos de dinheiro, a economia tem se tornado cada vez mais global, sendo praticamente impossível de qualquer país não ter algum tipo de relação econômica neste contexto.

Ato contínuo, diante deste cenário, é importante entender quais as relações de exportação e importação a economia baiana estabelece ao longo do biênio 2019/2020 para o cumprimento do objetivo deste trabalho. Entretanto, antes dessa análise, é necessário discorrermos sobre a evolução histórica-econômica do estado da Bahia, de modo a compreender como a análise macro da formação econômica baiana se correlacionou com o comércio externo.

### **3. Trajetória histórica-econômica da Bahia**

Em relação a evolução histórica-econômica da Bahia, segundo Pessoti e Sampaio (2009), desde o século XIX, a então Província da Bahia já possuía uma economia pautada no setor agrícola, tendo o cacau como principal fonte de desenvolvimento econômico do estado e de relações de comércio exterior. Além disso, a então Província da Bahia já

possuía uma estrutura industrial baseada predominantemente no ramo têxtil, sendo também encontradas fábricas de charutos, sabonetes e do ramo metalúrgico, sendo estas mais voltadas para a demanda interna.

Como argumentam Guerra e Teixeira (2002) e Cavalcante (2008), foi somente a partir dos anos 1950, que o fomento a indústria passou a ser retomado através de intervenções estatais planejadas, sobretudo na Região Metropolitana de Salvador (RMS), e da oferta de terrenos infra estruturados e incentivos fiscais dos quais surgiram grandes obras importantes e históricas para a industrialização baiana nas décadas seguintes tais como a Refinaria Landulpho Alves, o Centro Industrial de Aratu (CIA), o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e o Centro Industrial do Subaé (CIS).

Uderman (2005) e Pessoti e Pessoti (2010), destacam que a partir desses empreendimentos, há uma mudança no modelo de estrutura produtiva da economia baiana, que perde de vez a característica de economia agroexportadora e consolida de vez a feição do desenvolvimento da indústria baseado na produção de bens de consumo intermediários, sobretudo nos setores siderúrgico-metalúrgico e petroquímico, de modo a servir como atividade complementar as dinâmicas industriais do Sudeste do país.

A partir do final dos anos 1980, sem poder contar mais com o apoio do Estado na dinamização das economias menos favorecidas, coube aos estados subnacionais procurar desenvolver um processo autônomo na condução do planejamento econômico. Aqueles que outrora galgaram um processo de acumulação capitalista (poupança) conseguiram manter o status dominante. Os outros, excluídos historicamente deste processo, tiveram que abrir suas economias ao capital estrangeiro, sobretudo, com o apoio dos incentivos fiscais (LACERDA, PESSOTI E JESUS, 2013).

Essa dinâmica dos anos 1980, encontra continuação nas décadas seguintes na economia baiana, que tenta através da reorganização das contas públicas (que permitiu a Bahia ter acesso a financiamentos de instituições que permitissem a execução de obras de infra-estrutura econômica), e de programas fiscais como o PROBAHIA e o DESENVOLVE, atrair grandes indústrias de diversos setores de modo a promover tanto a diversificação da estrutura industrial do estado, quanto de promover maiores conexões com o setor externo .

Entretanto, esta tentativa de diversificação econômica não encontra êxito, e a economia baiana continua atrelada a um modelo quase inalterado voltado a produção de bens de consumo intermediários, ancorados na força do setor químico e petroquímico e altamente

concentrados em torno da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Lacerda *et al* (2013, p. 152) destacam que:

Os entraves à dinâmica de redimensionamento da espacialização produtiva baiana residiam na insuficiência de infraestrutura, nas pressões políticas regionais e nas dificuldades de acesso aos mercados, principalmente internacionais, de uma parcela considerável dos territórios do estado. A evolução econômica da Bahia sempre apresentou um perfil de pouca diversificação, o que resultou numa relação de extrema dependência das oscilações de um grupo restrito de mercadorias no cenário internacional.

Nos anos 2000, a economia baiana experimenta a introdução de novos setores industriais tais como celulose, papel, calçadista e automobilístico) e a expansão dos setores já tradicionalmente fortes, permitiu a Bahia alcançar algum grau de diversificação significativo, de modo a ampliar o rol de produtos a serem comercializados no mercado externo, aumentando os fluxos comerciais e financeiros e aumento do nível de exportações.

A crise de 2008 causa profundos impactos ao redor do mundo, incluindo a economia brasileira. Sobre estes efeitos, Lima e Deus (2013, p.55-56) destacam que:

Dado o papel fundamental das expectativas dos agentes, o setor bancário reagiu com muita prudência e retraiu consideravelmente o crédito na economia brasileira, levando, conseqüentemente, as empresas a reverem seus planos de produção e de investimento. A forte retração da oferta de crédito bancário tanto no mercado doméstico como a interrupção de linhas externas foram condições suficientes para provocar uma redução na demanda interna e ancorar as expectativas de inflação.

O segundo efeito recorrente da crise de 2008/2009 se dá nas transações de capitais no país e no preço da moeda internacional. A rápida e desordenada desvalorização do câmbio provocou uma forte desestabilização na economia brasileira. Várias empresas do setor produtivo, principalmente as exportadoras, auferiram fortes prejuízos com a valorização do real. Além da própria redução das exportações, algumas empresas que se voltam para o mercado externo realizaram grandes quantidades de operações de *forward target* no período anterior à crise.

Entretanto, embora as medidas anticíclicas por parte do Estado foram tomadas para a contenção da crise pós 2008, conforme salienta Nascimento *et al* (p.32):

A economia brasileira, por sua vez, recupera-se lentamente, deixando incertos os horizontes possíveis de sua evolução macroeconômica. A conjuntura atual combina inflação baixa, taxa Selic em queda, tímida reativação do mercado de trabalho, dificuldades fiscais relevantes, níveis de arrecadação tributária ainda baixos e capacidade ociosa na indústria. Essa conjunção de fatores não permite vislumbrar, em médio e longo prazos, uma saída sustentável para a crise, ainda que a elevada capacidade ociosa dos fatores de produção enseje um crescimento da produção no curto prazo. Por sua vez, a economia baiana, a ressentir-se da grave crise que atingiu os setores da indústria e de serviços. Embora haja uma desaceleração no ritmo de

queda destes, os indicadores não registram, diferentemente do que ocorre em outros estados, resultados positivos para estes setores. Portanto, a retomada da economia baiana ocorre de forma mais lenta em comparação com a economia nacional em seu conjunto.

Aliado a este cenário de lenta recuperação econômica pós crise de 2008, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus que impacta palpavelmente nas relações de comércio exterior. Com as restrições impostas pelo distanciamento social e trabalho remoto, inúmeras transações deixaram de ser realizadas, surgiram problemas de reabastecimento com a falta de componentes e/ou insumos ou até mesmo de atrasos na produção dos grandes mercados globais, o que acabou por gerar escassez de determinados produtos dos mais variados setores.

Em face do exposto, a última seção deste artigo pretende estudar e analisar os efeitos da pandemia do corona vírus na dinâmica das exportações e importações baianas no biênio 2019/2020. A escolha por estes dois anos se deu tanto para demonstrar as principais inserções dos produtos da Bahia na economia internacional, quanto para compreender os efeitos da pandemia do novo corona vírus nas referidas variáveis (exportação e importação).

#### **4. Efeitos da pandemia do novo coronavírus na dinâmica das importações e exportações da economia baiana.**

Antes da análise dos efeitos da pandemia do novo coronavírus na dinâmica das importações e exportações da economia baiana, torna-se necessário compreendermos primeiro o contexto pelo qual a economia baiana está inserida, que é a economia brasileira. Compreender o comportamento da balança comercial brasileira (a diferença entre exportações e importações em um determinado período de tempo), é um importante indicador comparativo de desempenho seja entre países, nações ou regiões.

Os dados da Tabela 1 são referentes ao comportamento da balança comercial brasileira no biênio 2019/2020. Os dados demonstram que há variação negativa tanto do ponto de vista das exportações (- 6,88%), quanto das importações (-10,38 %) e do da corrente de comércio (a soma das exportações mais importações), que tem uma redução de -8,42%, o que demonstra a relevância dos efeitos da pandemia do novo corona vírus no fluxo de comércio internacional brasileiro.

Tabela 1- Balança Comercial Brasileira no biênio 2019/2020

(Valores em US\$ 1000 FOB)

<b>Discriminação</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>Var. %</b>
Exportações	225.383.482	209.878.385	-6,88
Importações	177.347.935	158.937.295	-10,38
Saldo	48.035.548	50.941.090	6,05
Corrente de comércio	402.731.417	368.815.680	-8,42

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Em relação a balança comercial da Bahia no biênio 2019/2020, é observada também uma tendência que acompanha a balança comercial brasileira, do ponto de vista da queda das exportações, importações e corrente do comércio. Entretanto, um dado chama a atenção em relação a economia brasileira que são as importações baianas, com queda de quase 30%, que resulta em uma queda da corrente de comércio de mais de 15 %. Os dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2- Balança Comercial Baiana no biênio 2019/2020

(Valores em US\$ 1000 FOB)

<b>Discriminação</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>Var. %</b>
Exportações	8.168.158	7.838.197	-4,04
Importações	6.772.305	4.755.363	-29,78
Saldo	1.395.853	3.082.834	120,86
Corrente de comércio	14.940.463	12.593.560	-15,71

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Segundo o Boletim de Comércio Exterior (2020, p.03), o resultado obtido pelas exportações baianas em 2020 foi motivado basicamente:

[...]pela queda nos preços médios dos produtos vendidos ao exterior, que se desvalorizaram 25,5% no ano (sempre comparado com 2019), já que o volume embarcado (*quantum*) exibiu crescimento de 28,7 % em comparado ao mesmo período. Pesaram ainda positivamente no resultado, o ajuste da taxa de câmbio nominal, com desvalorização média de 30% do real em relação ao dólar; a safra recorde de grãos e o voraz apetite chinês no mercado de *commodities*.

Para compreender de forma mais detalhada a acentuada queda das importações baianas no biênio 2019/2020, é necessário analisar de forma específica os principais setores da economia baiana, de modo a entender o impacto de cada um nas importações gerais. Os dados contidos na Tabela 3 demonstram que os bens de consumo intermediários (produtos químicos, metalúrgicos, borracha, papel, celulose entre outros), os combustíveis e lubrificantes e os bens de consumo não duráveis (alimentos, cosméticos, medicamentos entre outros), foram os principais afetados nas importações do biênio, uma vez que os referidos setores (principalmente o químico e o petroquímico), são historicamente, os protagonistas da economia baiana.

Além disso, os dados da Tabela 3 demonstram que do ponto de vista da importação, que o setor de bens intermediários participa por mais de 1/3 das importações do estado (75,17%), sendo seguido de longe pelo setor de bens de capital (15,84%) e pelos combustíveis e lubrificantes (4,28%).

Tabela 3- Importações da economia baiana no biênio 2019/2020 por setor e categoria de uso

Discriminação	(Valores em US\$ 1000 FOB)			
	2019	2020	Var. %	Part. %
Bens intermediários	4.960.601	3.574.453	-27,94	75,17
Bens de capital	814.514	753.480	-7,49	15,84
Combustíveis e lubrificantes	763.271	203.616	-73,32	4,28
Bens de consumo duráveis	103.750	127.297	22,70	2,68
Bens de consumo não duráveis	128.395	93.441	-27,22	1,96
Bens não especificados anteriormente	1.774	3.076	73,40	0,06
<b>Total</b>	<b>6.772.305</b>	<b>4.755.363</b>	<b>-29,78</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Por fim, da perspectiva dos principais destinos dos produtos importados pela Bahia, os dados da Tabela 4 e 5 relatam respectivamente, os principais países que a Bahia importa os seus produtos tanto em relação em peso (medida pelas toneladas), quanto em unidades monetárias.

Em relação aos principais países das relações de importação, merecem destaque os Estados Unidos, Argentina, China, Espanha e Chile tanto em toneladas, quanto em valor monetário. Estes parceiros como destacam Cunha e Wanderley (2013), são considerados parceiros históricos da economia baiana desde o final da década de 1990 como fornecedores de insumos para a produção da economia baiana no setor de bens de consumo intermediário, e o Chile como principal fornecedor de cobre.

Tabela 4- Principais países de importações da economia baiana no biênio 2019/2020, por tonelada e valores monetários

Países	Peso (ton)		Var.	(US\$ 1000 FOB)		Var.	Part.
	2019	2020	%	2019	2020	%	%
Estados Unidos	2.422.046	1.505.028	-37,86	1.167.442	675.445	-42,14	14,20
Argentina	678.762	694.855	2,37	666.858	621.336	-6,83	13,07
China	190.405	252.028	32,36	610.619	615.548	0,81	12,94
Espanha	375.191	725.662	93,41	324.853	446.649	37,49	9,39
Chile	404.627	318.049	-21,40	460.917	323.669	-29,78	6,81

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Em relação as importações por blocos econômicos, destaca-se a relação da Bahia com a Ásia e o Oriente Médio que responde pela maior participação em importações por blocos econômicos com 19,32% de tudo que foi importado no biênio 2019/2020, seguido de perto pela União Europeia com 19% e pela América do Norte com 18,24%. Os destaques do período ficam por conta da acentuada variação negativa das importações frente a América do Norte (-42,20 %) e com a América do Sul, Centra e Caribe (exceto Mercosul) com variação de -45,07%. Os dados estão disponíveis na Tabela 5.

Tabela 5- Importações baianas por blocos econômicos no biênio 2019/2020

Blocos econômicos	Peso (ton)		Var.	(US\$ 1000 FOB)		Var.	Part.
	2019	2020	%	2019	2020	%	%
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	375.814	433.985	15,48	956.427	918.762	-3,94	19,32
União Europeia –EU	1.330.964	1.271.943	-4,43	1.128.874	903.689	-19,95	19,00
América do Norte	2.753.395	1.777.779	-35,43	1.506.061	867.460	-42,40	18,24
Mercado Comum do Sul – Mercosul	760.943	941.919	23,78	712.011	707.339	-0,66	14,87
América do Sul, Central e Caribe (Exceto Mercosul)	1.388.733	820.067	-40,95	1.024.081	562.507	-45,07	11,83
Outros	2.803.606	1.708.964	-39,04	1.444.850	795.607	-44,94	16,73
<b>Total</b>	<b>9.413.455</b>	<b>6.954.658</b>	<b>-26,12</b>	<b>6.772.305</b>	<b>4.755.363</b>	<b>-29,78</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

No que tange em relação as exportações, os dados disponíveis na Tabela 6 demonstram os principais segmentos exportadores da Bahia no biênio 2019/2020. O setor de soja e derivados apresenta a maior participação nas exportações baianas, com variação positiva de 16,17 %, respondendo por 21,83 % ao final do período observado. Destaca-se também no período observado, a variação negativa do preço médio do petróleo e derivados ( - 35,73%), Papel e Celulose (-22,04%) e Químicos e Petroquímicos ( -24,89 %), setores industriais de extrema importância e relevância histórica e atual da economia baiana.

Tabela 6- Os 10 principais setores exportadores da economia baiana no biênio 2019/2020 em termos percentuais e variação do preço médio

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2019	2020			
Soja e Derivados	1.472.765	1.710.853	16,17	21,83	0,61
Petróleo e Derivados	902.735	1.165.606	29,12	14,87	-35,73
Papel e Celulose	1.171.045	1.007.883	-13,93	12,86	-22,04
Químicos e Petroquímicos	1.156.126	786.907	-31,94	10,04	-24,89
Algodão e Seus Subprodutos	577.909	567.746	-1,76	7,24	-6,60
Metais Preciosos	434.748	522.158	20,11	6,66	21,39
Metalúrgicos	862.804	493.048	-42,86	6,29	-37,19
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	123.982	275.972	122,59	3,52	-17,69
Minerais	163.094	239.026	46,56	3,05	-25,62
Cacau e Derivados	197.294	200.420	1,58	2,56	3,28

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

No que diz respeito aos principais países das relações de exportação, a China ocupa papel de destaque na liderança do biênio, com uma pequena variação negativa (0,11%) e respondendo ao final de 2020 por 28,78% das exportações baiana. Segundo Ruiz (2006) e Cunha e Wanderley (2013), a Bahia foi beneficiada pelas políticas de liberalização das atividades econômicas dos planos centrais e a permissão para organização de empresas públicas chinesas, que permitiu ao país se tornar um grande player na economia internacional aproveitando o grande fluxo de capital através das multinacionais, da entrada na Organização Mundial de Comércio (OMC), se abrindo de vez para o mercado externo através de uma

política voltada ao crescimento econômico via abastecimento do mercado consumidor, do qual as importações tiveram papel primordial. Os dados referentes estão contidos na Tabela 7.

Tabela 7- Principais países de exportações da economia baiana no biênio 2019/2020, por tonelada e valores monetários

Países	Pest (ton)		Var. %	(US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %
	2019	2020		2019	2020		
China	4.476.608	5.536.309	23,67	2.257.899	2.255.452	-0,11	28,78
Cingapura	1.480.484	3.755.415	153,66	647.152	1.049.370	62,15	13,39
Estados Unidos	698.455	662.978	-5,08	824.446	823.530	-0,11	10,51
Argentina	217.970	179.885	-17,47	610.573	423.702	-30,61	5,41
Suíça	3.221	3.080	-4,37	236.253	306.296	29,65	3,91

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Em relação as exportações nos blocos econômicos, os dados da Tabela 8 demonstram que assim como nas importações, a inserção internacional da economia baiana se dá principalmente com a Ásia que responde por 52,60% das exportações da Bahia, seguido pela União Europeia com 15,07% e América do Norte com 13,57%. Chama a atenção no período, a variação negativa das exportações baianas em relação ao Mercosul (30,12%) e da América do Sul, Central e Caribe (30,79 %).

Tabela 8-Exportações baianas por blocos econômicos no biênio 2019/2020

Blocos econômicos	Peso (ton)		Var. %	(US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %
	2019	2020		2019	2020		
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	7.068.896	10.371.736	46,72	3.810.819	4.123.088	8,19	52,60
União Europeia – EU	2.550.967	2.542.485	-0,33	1.378.704	1.181.575	-14,30	15,07
América do Norte	835.135	745.915	-10,68	1.164.100	1.063.503	-8,64	13,57
Mercado Comum do Sul – Mercosul	242.066	205.494	-15,11	667.305	466.309	-30,12	5,95
América do Sul, Central e Caribe(Exceto Mercosul)	253.005	232.349	-8,16	490.432	339.427	-30,79	4,33
Outros	422.530	542.191	28,32	656.799	664.295	1,14	8,48
<b>Total</b>	<b>11.372.598</b>	<b>14.640.171</b>	<b>28,73</b>	<b>8.168.158</b>	<b>7.838.197</b>	<b>-4,04</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Concomitantemente, a análise dos resultados obtidos pelos resultados identifica que a posição de relevância de exportação da economia baiana dentro do mercado internacional se dá sobretudo na produção e exportação de *commodities* agrícolas (soja e derivados) e produtos derivados da indústria química e petroquímica (petróleo e derivados), além do papel e da celulose, cujos principais destinos são a Ásia e a União Europeia como blocos econômicos, tendo a China como principal destino das exportações baianas.

Segundo o Boletim de Comércio Exterior (2020), a análise do desempenho das atividades de comércio internacional da Bahia no biênio 2019-2020 ficou acima do esperado mesmo em um ano de fraca demanda internacional (impactada de forma direta pelo Covid-19), obtendo quedas inferiores aos registrados no âmbito nacional.

Este resultado foi obtido graças aos bons desempenhos observados nos segmentos agropecuário (sobretudo a soja), e o mineral (derivados do petróleo) que, embalados pela recuperação da demanda asiática e de modo especial, a chinesa, contribuíram segundo o Boletim de Comércio Exterior (2020, p.3), “atenuar os impactos nas vendas externas, que poderiam ser ainda mais negativos”.

Sob a ótica da importação, a queda no período observado se dá pelo reflexo direto dos impactos advindos dos efeitos que afetou de forma mais incisiva, a atividade economia interna (paralisada durante um período considerável do ano). Já em relação a inserção no mercado internacional, ela se dá nos bens intermediários e de capital advindos principalmente da Ásia e dos Estados Unidos.

Estes resultados corroboram com análises feitas por De Negri (2006), Spínola (2004) Pessoti e Sampaio (2009) e Silva *et al* (2013), que destacam que no contexto internacional, historicamente a Bahia sempre obteve destaque em produtos semimanufaturados e manufaturados e em exportações agrícolas. Os autores, entretanto, chamam a atenção que estes setores são menos dinâmicos e competitivos em relação aos padrões internacionais de comércio, sendo necessário pensar em um novo modelo de inserção internacional baseado na produção sobretudo, de tecnologia. Como destacam Silva *et al*(2013, p.155)

O fato da pauta de exportação baiana ser especializada em produtos oriundos de firmas dominadas por fornecedores revela a defasagem tecnológica em que se encontra atualmente o setor industrial da economia baiana.

Nesse sentido, torna-se crucial para promover uma maior inserção da economia baiana no mercado externo, que sejam firmadas parcerias entre as empresas e o setor público no

sentido de propor iniciativas voltadas ao aproveitamento da tecnologia, seja na captação de indústrias para o estado de modo a criar complexos tecnológicos, seja no investimento na capacitação da mão-de-obra existente no estado através do incentivo da educação e da tecnologia em diversos setores como produção de eletrônicos, inteligência artificial, nanotecnologia, internet das coisas, produtos farmacêuticos, além do fortalecimento por exemplo da indústria química, setor historicamente forte da economia baiana.

Estas medidas acima citadas são importantes em virtude de que, segundo o Boletim de Comércio Exterior(2020), o comércio internacional deve continuar ainda que lentamente, sua trajetória de recuperação em 2021, em virtude do início da vacinação contra o Covid-19, que ajudará a restaurar a confiança tanto de consumidores, quanto de produtores, principalmente a economia chinesa, cuja expectativa segundo o referido autor, é de que seja 10% maior em 2021 se comparada a 2019, o que poderá beneficiar a pauta de exportações da economia brasileira e baiana.

Outra perspectiva do ponto de vista da análise do comércio exterior, se dá segundo o Boletim de Comércio Exterior (2020), sobre a continuidade (ou não), das políticas monetárias fiscais e monetárias expansionistas nos países avançados. A continuidade destas políticas, reacendem o apetite por risco, estimulam os fluxos de capital para países emergentes (favorecendo o crescimento pelas exportações), e oferecendo oportunidades as economias emergentes (neste caso, a brasileira e a baiana) para a implementação de reformas estruturais na competitividade das exportações que requer não só preços macroeconômicos, mas também reformas estruturais dentre os quais se destacam a tributária e de estímulo a tecnologia.

Em relação a importação, alguma reação mais positiva da economia baiana pode advir do setor do varejo, mas em volume baixo e ritmo lento, visto que o pequeno impulso observado nas compras externas no segundo semestre de 2020 não foi suficiente para promover qualquer recuperação na compra de intermediários importados nem de combustíveis, nem de bens de capital. A oscilação cambial também contribui para tornar mais difícil a negociação de preços com fornecedores externos de insumos, máquinas e equipamentos, tornando as operações de importação ainda mais desvantajosas(BCE,2020).

Em face do exposto, estas medidas acima citadas contribuirão tanto para o aumento da competitividade das exportações baianas, quanto para o aumento da inserção e da diversificação da Bahia no mercado internacional, hoje “limitada” apenas em *commodities* e produtos oriundos do setor químico e petroquímico.

---

<sup>1</sup> TitulaçãoXXXX. InstituiçãoXXXX. E-mail: XXXXXXXXXXX

<sup>2</sup> TitulaçãoXXXX. InstituiçãoXXXX. E-mail: XXXXXXXXXXX

<sup>3</sup> TitulaçãoXXXX. InstituiçãoXXXX. E-mail: XXXXXXXXXXX

## Considerações finais

As últimas três décadas foram marcadas por intensas transformações do ponto de vista dos fluxos comerciais globais, que impuseram inúmeros desafios para as economias nacionais, principalmente as economias fora do principal eixo mundial, para se realocarem nessas novas configurações.

Aliado a este processo, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus, que impõe medidas restritivas de distanciamento social, trazendo novas configurações do ponto de vista das relações globais tanto de exportação, quanto da importação de novos produtos, o que acabou por frear e atrasar inúmeras transações globais, reduzindo este fluxo.

A proposta deste artigo consistiu em analisar os efeitos da pandemia do novo coronavírus na dinâmica das importações e exportações da economia baiana de modo a identificar tanto as principais conexões internacionais que a Bahia estabelece, quanto de analisar o impacto da pandemia do novo corona vírus dentro do comércio externo.

Como resultados obtidos, foi detectado que a Bahia tem em suas principais conexões globais com as *commodities* agrícolas e de produtos derivados da indústria química e petroquímica que tem como principal destino a China, União Europeia e Estados Unidos, além de apresentar significativas quedas em suas relações com a América do Sul.

A redução do comércio exterior baiano observada no período tem correlação direta com as pressões impostas pela pandemia, que acabam por criar medidas protecionistas em todos os países que por tabela, resulta na queda das demandas dos países de destino das exportações e desvalorização da moeda brasileira. Entretanto, essa redução poderia ter sido ainda mais significativa caso a demanda chinesa não tivesse sido recuperada, o que acabou por gerar resultados acima do esperado se comparado com a média nacional.

Em face do exposto, a recuperação do comércio exterior brasileiro nos próximos anos ainda se dará de forma lenta, e dependerá não só do ritmo de vacinação contra o corona vírus, que retomará a confiança dos investidores e dos consumidores, mas da capacidade do estado de apresentar condições para propor reformas estruturais que insiram a economia baiana nos fluxos globais de inovação e tecnologia, e que permitirão a Bahia tanto uma maior inserção no comércio mundial, quanto um maior desenvolvimento econômico no estado nos próximos anos.

## Referências

- BCE- **Boletim de Comércio Exterior da Bahia**-Edição 2020. Disponível em: [https://www.sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2020.pdf](https://www.sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2020.pdf). Acesso em Maio 2021.
- BLANCHARD, Olivier. A crise econômica do Covid. **Revista The Economist**. Londres, p.1-20, 2020.
- CANUTO, Otaviano; FLEISCHHAKER, Cornelius. **Currency depreciation is silver lining of Brazil's recession**. Beyondbrics, Financial Times, Londres, 2015.
- CANUTO, Otaviano. **What happened to World Trade?** Capital Finance International, Spring 2016, p.14-18, Londres, 2016.
- CAVALCANTE, Luiz Ricardo. Maturidade tecnológica e intensidade em pesquisa e desenvolvimento: o caso da indústria petroquímica no Brasil. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 5, p. 121–143, 2008.
- CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v.57, p.133-151, 2014.
- CUNHA, Rafael Cardoso; WANDERLEY, Lívio Andrade. Uma análise das exportações baianas e da influência chinesa com base no modelo gravitacional. Reflexões de Economistas Baianos. Salvador, Edição 2013, p.145-188, 2013.
- DE NEGRI, Fernanda. Padrões tecnológicos e de comércio exterior das firmas brasileiras. In: DE NEGRI, João Alberto; SALERNO, Mário Sérgio (orgs.). **Inovações, padrões tecnológicos e desempenho das firmas industriais brasileiras**. Brasília, IPEA, p.05-46, 2006.
- GUERRA, Oswaldo; TEIXEIRA, Francisco. 50 anos da industrialização baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Revista Bahia: Análise & Dados**, Salvador, v. 10, p. 87–98, 2002.
- KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional- Teoria e Política**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.
- LACERDA, Fernanda Calasans; PESSOTI, Gustavo Casseb; JESUS, Josias Alves. Transformações estruturais, (des)concentração espacial e inserção internacional: Uma análise para a economia baiana com base na teoria da base produtiva. **Revista Nexos Econômicos**, Salvador, v.7, p.141-177, 2013.
- LACERDA, Antônio Carlos Corrêa; RAMOS, André Paiva. Pandemia e Economia: Desafios para o Brasil. **Revista Economistas**, Brasília, Ano XI, nº36, p.8-14, 2020.

- LIMA, Rivaldo Soares de. **Inserção Internacional do Nordeste Brasileiro: O caso da Bahia, Ceará e Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Economia-PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- LIMA, Tháís Damasceno; DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. **Revista Cadernos de Economia**, Chapecó, v.17, p.52-65, 2013.
- LOHBAUER, Christian. Abertura comercial brasileira: o possível e o desejável. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**. Rio de Janeiro, v.121, p.01-08, 2014.
- MDIC. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Dados de Exportação e Importação Geral**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em Maio 2021.
- NASCIMENTO, Carla do; BRITTO, Elissandra; SANTANA, Pedro M. de. Economia baiana: retrospectiva 2017 e perspectivas. **Revista Bahia Análise e Dados**, Salvador, v.27, p.31-53, 2017.
- OLIVEIRA, Susan Elizabeth Martins Cesar de. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá**. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais-Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- OREIRO, José Luís; FEIJÓ, Carmem. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2010.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. Transformações na dinâmica da economia baiana: políticas de industrialização e expansão das relações comerciais internacionais. **Revista Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n.162, p.36-49, 2009.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. PESSOTI, Bruno Casseb. A economia baiana e o desenvolvimento industrial: uma análise do período 1978-2010. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.12, n.22, p.28-48, 2010.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. Uma nova década perdida. **Revista Economistas**, Brasília, Ano XI, nº36, p.24-29, 2020.
- PORTO, Paulo Costacurta de Sá; CANUTO, Otaviano; MOTA, Arthur Augusto Lula. **As possibilidades de inserção do Brasil nas cadeias globais de valor**. Revista IGEPEC, Toledo, v.21, p.10-27, 2017.
- ROWTHORN, Robert; RAMASWANY, Ramana. Growth, trade, and deindustrialization. **IMF Staff Papers**, Washington D.C v. 46, n. 1, p. 18-41, 1999.
- RUIZ, Ricardo Machado. **Polarização e desigualdades: o desenvolvimento regional na China (1949-2000)**. CEDEPLAR-Textos para discussão, 299). Belo Horizonte. 2006.

SEI-Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em [https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=900&Itemid=216](https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=900&Itemid=216). Acesso em Maio 2021.

SILVA, Marcelo dos Santos; REZENDE, Adriano Alves de; LEAL, Priscila de Queiroz; MIYAJI, Mauren. Padrão de especialização tecnológica e competitividade das exportações baianas. **Revista Desenhahia**, Salvador, v.12, p.131-162, 2013.

SPINOLA, Noelio Dantaslé. A economia baiana: os condicionantes da dependência. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.6, p.88-89, 2004.

UDERMAN, Simone. A indústria de transformação na Bahia: Características gerais e mudanças estruturais recentes. **Revista Desenhahia**, Salvador, n.3 , v.2, p.07-34. 2005.